

lações necessárias. Permitir a mais completa maleabilidade de distribuição interna para o grupamento de salas nas mais diversas combinações, com múltiplos e submúltiplos da unidade padrão (7 x 9m).

6. Resultante geométrica: Condensação máxima — retângulo compacto: — Piso superior: esquema reticulado. Economia: 4 galerias de circulação para 8 salas de compartimentos. Piso térreo: recreio coberto — continuidade do terreno entre as construções térreas dos 2 blocos contíguos (Ensino Técnico-Industrial e Curso Normal ou Pedagógico).

7. Iluminação natural: Zenital — uniforme, por meio de sheds espaçados de 3,50 metros (2 em cada unidade de 7,00 x 9,00 metros).

8. Disposição geral: Aproveitamento quase total do retângulo: só 2 escadas e 2 blocos de instalações sanitárias concentradas, localizados dentro do perímetro — Localização externa dos acessos principais (rampas). 2 pátios de repouso no piso principal (4 unidades de 7,00 x 9,00 metros, cada uma). Possibilidade de novas aberturas (até 7,00 x 9,00 m) que interessem ao funcionamento das atividades escolares, no bloco compacto. (Revista Módulo, Rio.)"

Nota-se, pois, que, antes do início das obras, não só Lúcio Costa dera a orientação da destinação física da rede escolar, quanto Anísio Teixeira, em 1957, atuando no INEP, elaborou, por seu lado, o plano do sistema educacional de Brasília.

Distrito Federal (Brasília). Departamento
de Planejamento do Sistema Educacional.
"A Origem do Sistema Educacional de Brasília:
criação da CASEB. 22/12/1959

3. PERÍODO PRECEDENTE À CASEB

Os planos de Lúcio Costa e Anísio Teixeira deveriam passar do papel para a realidade física.

Contudo, o território do atual Distrito Federal pertencera ao Estado de Goiás.

Sobre a matéria, assim se refere o Departamento de Planejamento da SEC (Em Séries Históricas, Estudo Preliminar — DEPLAN/SEC/GDF, Brasília, 1976):

"Antes da construção de Brasília, Planaltina, cidade centenária — a única existente neste Quadrilátero destinado ao Novo Distrito Federal — já contava com um sistema de ensino oficial e particular, subordinado à Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

De acordo com dados levantados 'in loco' junto a pessoas que, à época, trabalharam como diretores, professores e/ou pais de alunos, existiram em Planaltina as seguintes escolas:

- No ensino oficial
 - Grupo Escolar 'São Sebastião', cujo primeiro nome foi Grupo Escolar Brasil Caiado. Criado em 1929, passou a se chamar Escola-Classe nº 01 de Planaltina em 1960, quando da sua inclusão no sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal.
 - Escola Normal Regional 'D. Olívia Guimarães', criada em fevereiro de 1950. Hoje, Escola Normal de Planaltina, a partir de 1961.
 - Escola Rural das Palmeiras — incluída no sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal em 1960.
- No ensino particular
 - Colégio Evangélico Presbiteriano, criado em 1926 e extinto em 1953.

- Escola Paroquial, criada em 19.03.1936, registrada na SEC de Goiás em agosto de 1938; passou ao Governo do Estado de Goiás em 1952, com o nome de Escola Reunida de São Sebastião, vindo, em 1962, a integrar o sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal.

A bem da verdade, embora sem datas e nomes precisos, Planaltina, então Mestre D'Armas, conheceu duas escolas antes das acima citadas: uma pública (escola isolada), tendo como primeiros professores D. Rita Pereira Salgado e Mestre Tibúrcio Gomes Rabelo; e outra particular, cuja primeira professora foi D. Joana Agnell (Mestra Joaninha).

Além de Planaltina, Brazlândia — antiga fazenda Chapadinha pertencente à Comarca de Santa Luzia (Luziânia) — também possuía, antes da Nova Capital, uma escola primária, criada em 1933, mais tarde Grupo Escolar de Brazlândia, que, em 1961, passou a integrar o sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal como Escola Rural de Brazlândia.

Com a construção de Brasília, os primeiros aglomerados humanos foram se formando. No início, quase não havia crianças: os operários e funcionários vinham sós para o Planalto. Só em 1957 começaram a chegar as famílias. A partir de então, o ensino oficial e particular em Brasília tornou-se uma preocupação de todos."

Os encargos com o setor educação como, praticamente, todos os outros, passariam à NOVACAP.

Na mesma publicação do DEPLAN, tem-se:

"A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, representante do poder público, preocupada em atender às necessidades primordiais de educação primária das crianças filhas de seus funcionários e operários, assumiu esta responsabilidade, criando, em fins de 1956, o Departamento de Educação e Saúde, mais tarde Departamento de Educação e Difusão Cultural (Portaria nº 103/B/59—NOVACAP), com o encargo de promover atividades educacionais até a implantação definitiva do Sistema Educacional do Distrito Federal. Assim, a 10 de setembro de 1957, inaugurava-se a primeira escola primária pública de Brasília, o GE-1, depois Escola Classe Júlia Kubitschek.

Já, a essa época, existia a preocupação de se realizar um ensino modelar, quer pelos padrões qualitativos, quer pelas inovações técnicas, e, com esse objetivo, o Departamento de Educação e Difusão Cultural da NOVACAP teve a colaboração do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, com a assistência de renomados técnicos em educação.

As linhas básicas para a organização do Sistema Educacional que seria implantado no Novo Distrito Federal foram indicadas pelo Ins-

tituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em trabalho iniciado em meados de 1957, conjugado com o plano urbanístico da Nova Capital."

Sobre esse período, é pertinente citar Ernesto Silva, em sua obra História de Brasília (Brasília, s.d.):

"No princípio havia poucas crianças: os operários, os funcionários, vinham sós para o Planalto. Só em 1957 começaram a chegar as famílias.

Havia na cidade livre, ou Núcleo Bandeirante, duas escolas particulares, mas a NOVACAP providenciou desde logo uma sala de aula, no pavilhão da administração, para os filhos de seus funcionários e operários. Foram contratados dois professores: **Amabile Andrada Gomes** e **Mauro da Costa Gomes**.

A classe funcionava precariamente: aguardávamos o término da construção da primeira escola primária. O projeto do primeiro Grupo Escolar era de Niemeyer e constava de salas de aula, biblioteca, cozinha, refeitório, almoxarifado e recreio coberto. Tudo foi realizado às pressas, em 20 dias.

No dia da inauguração, Israel Pinheiro ficou surpreso: o traçado era muito simpático, a construção muito bem feita, mesas de fórmica no refeitório, geladeira na cozinha, dezenas de livros na biblioteca, um belo "play-ground", tudo doação de firmas particulares. O Israel olhou várias vezes para o prédio — o famoso GE-1 da Candangolândia. Perguntei-lhe se estava gostando da escolinha, ao que ele respondeu: 'Está bom demais!'

A seleção das professoras para o Grupo foi realizada inicialmente entre as esposas ou filhas de funcionários, portadoras de diploma de professor primário, expedido por escola oficial. Algumas foram selecionadas em Goiânia. Entre essas, uma era diretora de escola primária; outra tinha sido a primeira colocada na Escola Normal em 1956; uma terceira, com magnífico 'currículo', era também diplomada em Belas Artes . . .

No princípio eram apenas oito e difícil escolher a diretora. Organizamos, então, um rodízio: cada professora dirigia a escola durante quinze dias e, no final, elas próprias, em votação, elegeriam a diretora. A escolhida foi a professora **SANTA ALVES SOYER**, cujo nome declinou sempre com o maior respeito e admiração. Realizou ela trabalho sério e estafante durante toda a fase pioneira de Brasília, não só na direção do Grupo Escolar Número Um (GE-1) como, posteriormente, na organização de muitas outras escolas que construímos em Brasília.

É justo que citemos, para a posteridade, o nome das professoras primárias pioneiras que sofreram em Brasília as maiores dificuldades

no seu esforço patriótico de servir ao País. Além da diretora, lecionaram naquela primeira escolinha: Maria Helena Parreiras, Amabile Andrade Gomes, Carmen Daher, Stella dos Cherubins Guimarães, Maria Antônia Jacinto, Maria do Rosário Bessa, Maria de Lourdes Brandão, Célia Cheir, Ana Leal, Maria de Lourdes Moreira dos Santos. Muitas outras, chegadas em 1958 e 1959, contribuíram igualmente com a sua dedicação e esforço, com o seu espírito de sacrifício e solidariedade, para a arrancada heróica que representou a construção de Brasília.

Um fato pitoresco: quando estávamos para fixar o salário das professoras, defendíamos junto ao Israel Pinheiro um salário condigno para as mestras, principalmente pelo fato de muitas delas, solteiras, terem vindo de Goiânia, afastando-se das famílias, para aqui morarem em alojamentos coletivos de madeira. Expusemos a nossa idéia: 'A professora primária constitui o núcleo básico da sociedade e representa o esteio da Pátria, pois é ela quem molda a criança na fase mais importante de sua vida. Dela depende o bom ou mau cidadão. E por isso não poderia ganhar pouco'. 'O Israel argumentava que professora, em Minas, ganhava quase tanto quanto um servente e me acusava de querer subverter a ordem das coisas. Além disso, ele queria pagar menos às professoras cujos maridos e pais morassem em Brasília. Finalmente, contrariando o nosso ponto-de-vista, ele decidiu que as professoras vindas de fora ganhariam seis cruzeiros novos por mês e as que já estivessem morando em Brasília (filhas e esposas de funcionários) perceberiam quatro cruzeiros! Mais tarde, naturalmente, elas foram niveladas, como era justo.

O GRUPO ESCOLAR NÚMERO UM — o famoso GE-1, da Candangolândia — funcionava em dois turnos, mas as crianças permaneciam três horas extras em atividades sociais. O primeiro turno começava às 7:30 e ia até as 15 horas; o segundo tinha início às 9 horas e terminava às 17:30. As crianças de ambos os turnos tomavam merenda às 10, almoçavam na escola e faziam nova refeição às 15 horas. Nunca — até hoje — houve em Brasília um grupo escolar que tratasse com tanto carinho a criança e lhe proporcionasse esse suplemento alimentar, tão necessário às classes mais pobres. As refeições eram fornecidas pelo SAPS, cujo responsável em Brasília, o saudoso Francisco Manoel Brandão — autêntico líder, pioneiro infatigável, idealista sem jaça — não media esforços na sua ingente tarefa de amparo à criança e ao trabalhador.

Esse primeiro Grupo Escolar abrigou numerosas crianças. Muitas delas iniciaram seus estudos em 1957 e ali mesmo terminaram o curso primário, entre as quais Carlos Henrique Gomes da Cruz, Walter Tacciano de Oliveira Filho, Raulino de Oliveira Tristão Filho, filhos de exemplares servidores da NOVACAP.

Em outubro de 1958, o GE-1 publica o primeiro número de seu jornalzinho 'A VOZ DO ESTUDANTE', em cujo subtítulo se lê: 'É com os pés da criança que a Pátria caminha'. Órgão da terceira série primária, divulgava as notícias escolares e publicava pequenos artigos da criançada. Em seu primeiro número, a aluna Gessy Soares da Silva assim definia o que ela chamou de 'NOSSA VIDA NO GRUPO ESCOLAR NÚMERO UM':

'Nossa vida aqui no Grupo Escolar nº 1 é melhor que em qualquer outro lugar. Sabem por quê? Aqui nós estudamos, somos educados e aprendemos fazendo. Vou dar alguns exemplos:

'Em nossa classe, 3ª série, já fizemos muitas coisas importantes. Quase todas as lições que nós aprendemos nós as desenhamos. Por exemplo: o quadro dos vertebrados, as estações do ano, os movimentos da terra, as partes das plantas, frações ordinárias, o quadro de honra de leitura e muitos outros. Estamos organizando o Jornalzinho, o Museu do Índio, e fazendo o aparelho de destilação.

'Na 4ª série há o Hospital Osvaldo Cruz e o jornalzinho 'Gazeta Escolar'. Na 1ª série há o correio e o teatrinho de sombras, a lojinha do 'Chapeuzinho Vermelho'; e na 2ª série, o teatrinho de fantoches.

'Recebemos em nossa escola instrução, educação e alimentação. Ficamos no Grupo 7 horas. Como passam depressa! De manhã temos aula de classe e, à tarde, aulas de agricultura (horta e jardim), trabalhos manuais, desenho, modelagem, recreação e ainda biblioteca e canto.

'Nossa diretora faz tudo pelos alunos, para que a gente seja estudiosa e bem educada.

'Que Grupo maravilhoso! Temos aqui a melhor vida do mundo!'

Mas a atividade da NOVACAP não se resumiu nesse Grupo Escolar. À proporção que a cidade crescia, que os acampamentos se multiplicavam, novas escolas iam sendo construídas, de tal forma que não havia, à época da construção de Brasília, uma só criança sem escola. Algumas escolas particulares prestaram bons serviços, entre as quais o Colégio Dom Bosco e o Ginásio de Brasília, este inicialmente instituído sob a forma de Fundação e posteriormente entregue aos Irmãos Lassalistas.

Procurando qualificar o ensino, promovemos e facilitamos estágios e cursos intensivos em outros centros de renomada qualidade

educativa (em 1958 e 1959, grupos de 10 e 12 professoras estagiaram na Escola Parque de Salvador; três no Rio e uma em Porto Alegre).

A admissão das professoras era procedida através de concurso (títulos, entrevista e prova prática), cujo rigor pode ser verificado pela percentagem de reprovação (40% das candidatas).

Os alunos recebiam assistência de ordem econômica, mediante facilidade para aquisição de vestuário e material escolar; assistência social, participando de concentrações escolares, festividades, concursos e permanentes contatos com a família; de ordem religiosa, observando-se a liberdade de culto e possibilitando aos católicos, por serem em número bem maior, a preparação para a primeira comunhão, realizada na própria escola.

Esforzando-nos ao máximo para dotar de relativo conforto o grande canteiro de obras do Planalto, amparando os que, corajosamente, se transferiam naquela época para Brasília, a NOVACAP, por nosso intermédio, firmou convênio com o Ministério da Educação e Cultura, a 30 de setembro de 1957, para a instalação e funcionamento da Escola de Ensino Industrial, destinada à formação de mão-de-obra qualificada. A Escola manteria os cursos de marcenaria, carpintaria, eletricitista-instalador, bombeiro hidráulico, artes gráficas, alfaiataria e artes de couro. Foi inaugurada em 1959, em Taguatinga. O Ministério da Educação e Cultura forneceu o equipamento e a NOVACAP construiu o edifício e, posteriormente, manteve a Escola, com corpo docente e discente em tempo integral (200 alunos entre 13 e 16 anos). O corpo docente foi recrutado em Curitiba (Centro de Treinamento de Professores Técnicos). Com duração de 20 a 36 meses, tais cursos foram de grande utilidade aos jovens.

Ainda em 1958, em duas casas geminadas da Av. W-3, pertencentes à NOVACAP, na então quadra 16, fizemos instalar uma biblioteca e discoteca públicas, mantidas pela NOVACAP, com o nome de "BIBLIOTECA E DISCOTECA VISCONDE DE PORTO SEGURO", em homenagem ao diplomata, sertanista, historiador, filósofo Francisco Adolpho de Varnhagen, um dos mais acirrados defensores da interiorização da Capital Federal.

A Biblioteca contava com cerca de três mil volumes e discos. As coleções foram formadas por doações de Embaixadas, Instituições Culturais, Ministérios, outras Bibliotecas e entidades particulares, bem como de escritores e intelectuais do Brasil e do Exterior. As coleções foram selecionadas. A Biblioteca possuía coleções sobre os seguintes assuntos: História Pedagógica Brasileira, História Geral dos Povos: a Coleção 'L'Universe Pitoresque', em 80 volumes; a Coleção Brasileira, com mais de 100 volumes, ricamente encadernados, além de numero-

sos livros sobre literatura brasileira e estrangeira, literatura infantil, livros de sociologia, etc. A discoteca possuía música para todos os gostos e uma coleção de discos infantis, todos em LP, com uma sala especial para tal finalidade e uma cabina individual inteiramente independente.

A Biblioteca dispunha também de uma sala de leitura e conferência. Sua finalidade era de proporcionar ao povo um meio de satisfazer as necessidades intelectuais, de orientá-los para nível cultural mais elevado e para a formação de uma elite, principalmente no tocante à infância e à adolescência.

Numerosos cursos foram ministrados: o de Línguas: inglês, francês, alemão, italiano, espanhol; o de música: iniciação musical, história de música, música vocal, conjunto de percussão; o de belas-artes: cerâmica, desenho, pintura.

Dirigiu a Biblioteca, de 1958 a 1961, a bibliotecária Lola Barrenechea, cujo esposo, Felix Alejandro Barrenechea, responsável pelos cursos de belas-artes, era tido como um dos maiores artistas plásticos do Peru.

Em 1961, com o advento de um novo Governo, o prefeito da época dissolveu a Biblioteca, não se sabendo até hoje que destino tomou tão valioso acervo. Esboroava-se mais um esforço.

Ainda em 1959, durante a construção da cidade, conseguimos que o MEC, o Serviço Social Rural e a NOVACAP firmassem convênio para a criação, instalação e manutenção de um CENTRO COOPERATIVO DE TREINAMENTO AGRÍCOLA PARA JOVENS RURAIS. Apesar de nossos esforços e por motivos que não pudemos superar, o Centro não se constituiu.

Também em 1959, a nosso pedido, a Divisão de Educação Física do MEC organizou o PLANO PRELIMINAR PARA AS ATIVIDADES RECREATIVAS EM BRASÍLIA. O trabalho, organizado pela professora Ethel Bauza Medeiros e revisado pelo Prof. Alfredo Colombo, não chegou a ser posto em prática, apesar da tenacidade e da energia do Prof. Hélio Medeiros, que se transferiu para Brasília em 1960.

Em fins de 1959, a NOVACAP contava com mais de 100 professoras primárias e orientava o ensino de 4.682 crianças, assim distribuídas:

1 — Grupo Escolar nº 1 (Velhacap)	560 alunos
2 — Escola da Coenge-CCBE	60 alunos
3 — Escola do Acampamento do IPASE	113 alunos
4 — Escola das Casas Populares	218 alunos
5 — Escola Da Vila Amaury	480 alunos

6	– Escola da Metropolitana	162 alunos
7	– Escola da Granja do Torto	86 alunos
8	– Escola da Granja do Tamanduá	52 alunos
9	– Escola 'Pery da Rocha França' (Planalto)	200 alunos
10	– Escola 'Ernesto Silva'	145 alunos
11	– Escola de Taguatinga	785 alunos
12	– Escola da Papuda	102 alunos
13	– Escola da Granja do Riacho Fundo	120 alunos
14	– Escola da Fercal	40 alunos
15	– Escola Classe da Super Quadra 308	640 alunos
16	– Jardim da Infância 'Ernesto Silva'	45 alunos
17	– Jardim da Infância das Casas Populares	44 alunos
18	– Jardim da Infância da Praça 21 de Abril	160 alunos
19	– Escola da Fazenda do Gama	30 alunos
20	– Escola do Acampamento da Construtora Rabello	320 alunos
21	– Escola da Candangolândia	320 alunos

As escolas particulares abrigavam 1.996 alunos:

1	– Colégio D. Bosco	560 alunos
2	– Ginásio Brasília	412 alunos
3	– Instituto Educacional (Batista)	275 alunos
4	– Escola Paroquial N. S. de Fátima	330 alunos
5	– Escola Metodista	133 alunos
6	– Escola das Irmãs Dominicanas	150 alunos
7	– Escola Evangélica Presbiteriana	70 alunos
8	– Escola Evangélica de Brasília	64 alunos

No ensino médio estavam matriculados 508 alunos:

Ginásio Brasília	288 alunos
Colégio D. Bosco	220 alunos

Sobre essa época, transcreve-se a seguir parte do depoimento da Professora Stella dos Cherubins Guimarães Trois, em entrevista a Regina Márcia de Jesus Lima:

“– Professora Stella, como Brasília apareceu na sua vida? – Brasília na realidade apareceu na minha vida desde o meu nascimento, porque enquanto as outras pessoas vieram para Brasília eu estava aqui quando Brasília veio (risos). Na realidade toda a minha infância e adolescência foi ouvindo falar sobre a mudança da capital e eu tive oportunidade de conhecer inúmeras pessoas muito antes mesmo da mudança da capital. Fato talvez assim interessante, ocorreu quando um dia já trabalhando em Brasília na área de educação, seu primeiro Diretor que foi Dr. Ernesto Silva ele me disse o seguinte: Professora Stella, eu visitei Planaltina nos idos de 50 e naquela oportunidade eu

acompanhava a Comissão do General José Pessoa, que estava escolhendo o sítio da capital e fui à casa do Prefeito e lá nós fomos servidos dum biscoitinho típico de Goiás, muito gostoso. A Senhora que é de Goiás, sabe qual é o biscoito? Eu disse: 'Sim. Sei'. – 'Aí fui servido por uma mocinha, filha do Prefeito'. eu disse 'sei o que é o biscoito, quem é a mocinha filha do Prefeito e quem é o Prefeito'. – 'Que ótimo!' – "Porque o Senhor foi servido pela mocinha com quem o Senhor está falando hoje, pela filha do Prefeito."

– Ele deve ter ficado emocionado!

– É, foi uma circunstância assim muito interessante não é, de anos depois a gente ter vivido, ainda hoje ele se lembra disso. Eu era estudante em Goiânia, terminava a Faculdade de Filosofia e vim a Brasília numa excursão da Faculdade e sendo muito curiosa por assuntos de educação, fui com um grupo de colegas a então NOVACAP visitar o escritório.

– Isso em que ano, Professora?

– Isso em 1958, fui visitar o escritório da NOVACAP onde era então Diretor o Dr. Ernesto Silva, e lá nós tanto perguntávamos pelo trabalho aqui, onde ele acabou me perguntando, 'você não quer vir trabalhar aqui?'. Eu disse: 'é uma coisa a pensar', mas realmente foi uma pergunta levantada assim, eu estava fazendo o último ano de faculdade e ocorreu que a coordenadora das escolas que iniciavam era uma pessoa que me conhecia e ao saber desta colocação do Dr. Ernesto começou a insistir na minha vinda e eu disse: 'olha, eu estou em pleno período letivo (lecionava em Goiânia), vamos deixar para as férias, quem sabe até as férias eu penso', e assim a véspera de minhas férias eu recebi um telegrama através do Palácio do Governo de Goiás dizendo que a designação para Professora estava feita e que me aguardava.

– Ah, então a Senhora veio como Professora pela NOVACAP.

– Pela NOVACAP.

– Chegou a Brasília, estreou profissionalmente aqui.

– Então eu vim, eu vim nas férias pra experimentar, ver o que era e então me decidi, experimentei e fiquei até hoje.

– Mas que coisa interessante, Professora. E o Dr. Ernesto na época ocupava um cargo de Diretor da NOVACAP que abrangia também a área de educação?

– De educação, a área de educação, então eu vim nas férias, no meu período de férias. Lá em Goiânia eu já atuava na área do 2º grau. Eu era Professora do cursinho de Goiânia e vim aqui para começar na

área do 1º grau. Então comecei a atuar no Grupo Escolar Júlia Kubitschek, que tinha sido inaugurado ainda não havia um ano; ele tinha sido inaugurado no dia 12 de setembro de 1957. Comecei a trabalhar; fui a décima terceira professora que chegou aqui em Brasília. Comecei a trabalhar então com um grupo de professoras, regendo classe, e como lecionava no turno da manhã e aqui o regime era de tempo integral eu ficava o dia inteiro na escola. Aí comecei a ajudar na biblioteca da escola, na Secretaria e aconteceu que a professora que era responsável pela Secretaria teve um problema de saúde, naquele período, e eu fiquei de voluntária; quando ela retornou, a escola já estava crescendo, crescendo. A Diretora precisava então de uma auxiliar mais direta, já havia necessidade de abrir outras escolas nos acampamentos: já logo um mês depois eu passei para Sub-direção do Grupo Escolar 1.

— Sim, que era o Júlia Kubitschek.

— Que era o Júlia Kubitschek, assumindo também a Secretaria do grupo escolar, e a colega ao retornar ficou com a parte da biblioteca e a parte de apoio. Daí nós começamos então a trabalhar ali, como era chamado "G-1", como uma escola de apoio, como um núcleo de coordenação, partindo então para abrir as novas escolas nos acampamentos.

— Sim, até então só funcionava como escola de Brasília a Júlia Kubitschek.

— De Brasília, só a Júlia Kubitschek, que depois é que foi o nome de Júlia Kubitschek; ele era chamado de Grupo Escolar 1.

— Grupo Escolar 1.

— Então só o Grupo Escolar aí começaram a ser é . . . houve o jardim da infância em acampamento, a Professora Maria Teresa da 308 foi a primeira Diretora, a Escola de Taguatinga, a Escola da, ali da Planalto então as várias escolas nos acampamentos e em Taguatinga que era, que era . . .

— Esse jardim de infância, o primeiro que foi inaugurado, era num acampamento?

— Era num acampamento, havia o jardim da infância e havia a Escola Classe no acampamento e o Júlia Kubitschek, as crianças frequentavam o dia todo, e tinha biblioteca, piscina, a parte de jogos, tinha iniciação das atividades de educação artística, de prática de trabalho, a parte de hortas. Ele passou a ser também o ponto para a seleção dos professores que vieram para a NOVACAP. Então nós começamos logo em seguida, o trabalho começou a crescer, começamos a estruturar um serviço de seleção dos professores, seleção essa que era composta de duas partes, havia parte do currículo, à parte, e a parte

da aula prática que os professores davam, então foi o primeiro embrião, vamos dizer assim também de uma . . .

— Isso tudo antes de 1960.

— Antes de 1960 né? da direção de recursos humanos, primeiro embrião da direção de recursos humanos. Muitos professores que estão hoje no sistema foram selecionados no Júlia Kubitschek através desse trabalho, quando a Comissão de Administração da CASEB veio, tomou conhecimento do trabalho, nos entrevistou pra ver todo esse trabalho que . . .

Esse trabalho que era pioneiro, completamente, em relação ao projeto de seleção que a CASEB . . . Instituiu. Tanto assim que foi reconhecido depois pela CASEB, os professores que foram selecionados por esse processo foram incorporados naquela equipe."